

**O CAOS E AS SIMBOLOGIAS EM HOJE É DIA DE MARIA:
segunda jornada de Carlos Alberto Soffredini**

João Gabriel Carvalho Marcelino*

Joranaide Alves Ramos**

RESUMO

Neste estudo, analisa-se a relação da filosofia e do mito do caos com a cidade e a guerra na microssérie *Hoje é dia de Maria – Segunda Jornada* (2005), baseada na obra de Carlos Alberto Soffredini. Para tanto, são observadas as representações do caos na obra do ponto de vista da filosofia na construção do homem e as simbologias empregadas na obra. Utilizando-se o ponto de vista filosófico observa-se o caos como um estado transitório necessário a formação do homem em sua busca por perfeição; do ponto de vista mitológico, observam-se as simbologias que são empregadas na obra para representar a desordem, a efemeridade da vida, o próprio caos e a guerra. Desta forma, é possível observar como a obra estudada se relaciona com o conceito de caos e transitoriedade na narrativa de viagem e como as simbologias são empregadas para representar conceitos e ideias. Para este estudo utilizam-se as reflexões de Chevalier & Gheerbrant (2015), Danelon (2004) e Tognoli (2012), entre outros.

Palavras-Chave: Carlos Alberto Soffredini. Caos. *Hoje é dia de Maria*.

ABSTRACT

In this study, it is analyzed the relation of philosophy and the myth of chaos with the city and the war in the micro-series *Hoje é Dia de Maria – Segunda Jornada* (2005), based on the work of Carlos Alberto Soffredini. For this, are observed the representations of chaos in the work from the point of view of philosophy about the construction of man and the symbologies employed in the work. Utilizing the philosophical point of view, the chaos is observed as a transitory state necessary to the formation of man in its search for perfection; from the mythological point of view, are observed the symbologies that are used in the work to represent disorder, the frailty of live, the chaos itself and the war. Thus, it is possible to observe how the studied work relates to the concept of chaos and transience in the travel narrative and how the symbologies are employed to represent concepts and ideas. For this study, we utilize the reflections of Chevalier & Gheerbrant (2015), Danelon (2004) e Tognoli (2012), among others.

* Graduado em Letras pela Faculdade Sete de Setembro – FASETE
joagabrielcarvalho@hotmail.com-

** Mestre em Estudos Literários pela UFAL, Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, professora da Faculdade Sete de Setembro FASETE
nad.alvesramos@hotmail.com

Keywords: Carlos Alberto Soffredini. Chaos. *Hoje é Dia de Maria*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de avaliar a obra *Hoje é dia de Maria – Segunda Jornada* (2005), baseada na obra de Carlos Alberto Soffredini¹ e escrita por Luís Alberto de Abreu² e Luiz Fernando Carvalho³. A segunda jornada da microssérie dá continuidade a viagem de Maria que após a travessia da *Primeira Jornada* (2005) alcança o mar para, então, ser levada pelas ondas a um lugar desconhecido, que pode ser nomeado de acordo com o primeiro capítulo da *Segunda Jornada de Terra dos Sonhos*.

Nessa terra, Maria começa uma nova viagem em busca do caminho de volta para o seu lar, encontrando ao longo da travessia criaturas fantásticas como um gigante, uma cabeça falante, parcas, e seu antigo inimigo, o demônio Asmodeu em novas formas; por outro lado, faz amigos que a auxiliam durante a nova jornada.

Durante a *Segunda Jornada*, Maria chega à cidade grande, lugar tumultuado no qual encara as desigualdades sociais, a injustiça, a exploração do trabalho infantil e a guerra, no entanto, mesmo com todos esses contras, Maria acaba encontrando amigos nesse meio, contando com Dom Chico Chicote, um cavaleiro que lembra o próprio *Dom Quixote De La Mancha*; Alonsa uma mulher com características ciganas por quem Dom Chico Chicote é apaixonado, inclusive sendo chamada por ele de Rosicler; o Dr. Copélius, um homem que conserta brinquedos e a Boneca dançarina.

Tendo como *corpus* a *Segunda Jornada* de Maria, este trabalho reflete acerca das perspectivas de caos que se apresentam na obra sendo elas o caos filosófico e o caos mítico, observando a relação entre essas noções; as representações da cidade e da guerra ao longo da jornada de Maria até ela encontrar o seu destino.

¹ (Santos, 6 de outubro de 1939 - São Paulo, 10 de outubro de 2001) foi um pesquisador, autor, dramaturgo e diretor que passou a ficar mais conhecido com trabalhos para a televisão brasileira. Seu trabalho enfocava a cultura popular brasileira.

² (São Paulo, 5 de março 1952) Autor, roteirista de cinema e TV, professor, consultor de dramaturgia e roteiro. Criou as peças *O Parturião* (1994), *O Anel de Magalão* (1995), *Sacra Folia* (1996) e *Burundanga* (1996).

³ (Rio de Janeiro, 28 de julho de 1960) é um cineasta e diretor de televisão brasileiro. Dirigiu as microsséries *Hoje é dia de Maria 1ª e 2ª Jornadas* (2005) e *A pedra do reino* (2007); a minissérie *Os Maias* (2001) e a telenovela *Meu Pedacinho de Chão* (2014).

Este estudo tem caráter crítico cultural, uma vez que analisa a perspectiva do caos como um elemento mítico da natureza relacionado a desordem e como uma filosofia na construção do ser humano. Para tanto, utilizar-se-ão os estudos de Dora Tognoli para refletir acerca do caos mítico em *As palavras, as coisas, o caos: função do mito nas narrativas clínicas* (2012), além de estudos de Marcio Danelon sobre a filosofia do caos em *Para um ensino de filosofia do caos e da força: uma leitura à luz da filosofia nietzschiana* (2004), este acerca da filosofia do caos. Serão utilizados também os estudos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant em *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (2015), para refletir sobre a relação entre a simbologia da obra e as perspectivas de caos estudadas, além de outros autores. Ressalta-se que nas citações em que foram utilizados fragmentos da obra, a mesma será citada pela sigla HDM seguida pela data e a página de onde a citação foi retirada.

2 CAOS: o mito e a filosofia em *Hoje é Dia de Maria – Segunda Jornada*

Falar em caos em *Hoje é dia de Maria – Segunda Jornada* propõe a discussão do tema através das perspectivas do mito e da filosofia, relacionadas naturalmente entre si e, por isso, entrelaçam-se com o desenvolvimento da Obra. Partindo da perspectiva do caos mitológico descrita por Dora Tognoli

[...] se Caos, dentro da mitologia grega, é tomado como um momento inaugural, primeiro, associado aos mitos de origem, ultrapassado a partir da introdução de outras entidades e das categorias de tempo e espaço, na vida real tudo indica que esse momento inaugural não fica na noite dos tempos. (2012, p. 81)

O mito do caos está relacionado não ao fim nem a desordem, mas ao que antecede o começo, algo disforme que dará origem ao novo. Ainda na perspectiva do mito, Chevalier e Gheerbrant afirmam que “o caos simboliza, originariamente, uma situação absolutamente anárquica, que precede a manifestação das formas e, no final a decomposição de toda forma” (2015, p. 183) esse estado caótico, precede tanto a criação quando a destruição de tudo aquilo que se conhece.

O caos assume caráter filosófico partindo do conceito de força disforme que precede a criação, como um dos vários estágios da formação do homem, o período que pode se chamar de caos na filosofia é descrito por Márcio Danelon

[...] é nos abismos e nas contingências da vida humana que se encontra o cenário propício para a potencialização da vida. Para Nietzsche, talhar o homem na dureza do

espírito significa ir aos abismos da existência, pois é do sucumbir que o homem forte, que o homem de caráter – como força – pode brotar. (2004, p.351)

Os momentos do abismo, da dificuldade e da incerteza na vida humana enquadram-se na filosofia do caos ao serem tratados como uma parte essencial da gênese do homem, dando-lhe a oportunidade de recriar-se a partir da dificuldade em sua busca constante por aperfeiçoamento.

Em *Hoje é dia de Maria*, essas duas perspectivas de caos aparecem, por meio das jornadas que a protagonista percorre para alcançar as “franjas do mar” e o caminho de volta para casa, respectivamente. As aventuras vividas por Maria, e o próprio mundo onírico onde elas se passam remetem ao abismo e ao caos primordial, como é expressado pelo personagem Maltrapilho

E ocê tome tento, menina, que esse é um mundo que tá pra ser feito e, no fundo de tudo, um defeito é degrau importante na escada do perfeito. Torto, pobre ou malfeito, todo vivente pode andar reto, porque humano não é ruim nem bom, humano é ser incompleto. (HDM, p. 57)

A fala do personagem pode remeter aos dois conceitos de caos estudados, primeiro à ideia da massa disforme que dará origem a algo novo está relacionada esse mundo que está para ser feito, que aparentemente ainda não tem uma forma fixa; e também ao caos que faz parte da formação do homem, que em sua busca constante por uma perfeição, tem na sua incompletude a força caótica necessária para mover o seu crescimento.

3 AS REPRESENTAÇÕES DO CAOS ENTRE A TERRA DOS SONHOS E A CIDADE

A Segunda Jornada de *Hoje é dia de Maria* é dividida em cinco capítulos: são eles *A Terra dos Sonhos*, *A Cidade – parte I*, *A Cidade – parte II*, *A guerra* e *O Retorno*. Os primeiros capítulos se ambientam na chegada da protagonista a esse mundo e na saga da menina dentro da cidade até o estourar da guerra; os dois últimos por sua vez, se passam durante a guerra e cem anos após ela, representando o renascimento da menina depois de passar pelo estágio de caos das duas jornadas.

A Segunda Jornada de Maria se inicia imediatamente após o fim da Primeira, com a chegada de Maria ao objetivo da jornada inicial, nas “franjas do mar” as águas começam a envolver Maria com a própria música das águas

Águas
Maria, vai... Maria, vem...
Bate a zabumba de um mar azul
Maria
Voando pra longe o meu coração...
Águas
Maria, vai... Maria, vem...
Mora no mar destino nenhum?
(HDM, 2005, p.384-385)

A música das águas tem nos versos o movimento das ondas, o “vai” e o “vem”; esse movimento da água é o que envolve Maria e a leva para a Cidade na cena descrita abaixo:

As águas do mar sobem e submergem Maria. Embalada pelas ondas encantadas, mas ao mesmo tempo perdida e assustada, Maria vai sendo conduzida ao tempo do início, da primeira vez, ao mundo encantado do fundo do mar (HDM, 2005, p. 385)

Não é por acaso que o mar embala Maria para levá-la a essa nova jornada, o ritmo caótico e descontrolado das águas pode ser associado à representação do mar descrita por Chevalier & Gheerbrant:

Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes e as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. (2015, p. 592)

A transitoriedade, representada pelas águas, relaciona-se ao ideal de caos pré-existencial uma vez que essas águas antecedem a descoberta de um novo mundo, oposto ao sertão que Maria percorreu. Tal sertão que nas palavras do palhaço Bendegó

Bdegó
Deixa a cidade forma morena
Linda pequena e vorta ao sertão
Beber a agua da fonte que canta
Que se levanta no meio do chão
Se Deus te ouvisse cabocla cheirosa
Cheirando a rosa do meio da terra
Volta pra vida serena da roça
Daquela palhoça no alto da serra [...]
(HDM, 2005, p.310)

É descrito como um lugar de serenidade e simplicidade opondo-se à cidade, lugar que aparece em sua desordem natural. Maria dá de cara com a exploração do trabalho infantil e o abandono

das pessoas descrita pelo Guarda

Boneco Guarda Noturno
Aqui nesta cidade
Deus precisava de um céu
e também de um inferno,
mas criou um só lugar,
inferno e céu num só lugar.
Criou em pouco tempo
o que agora é paraíso.
Pra quem não tem abrigo,
funciona como inferno,
pros miseráveis e pros mendigos.
(HDM, 2005, p. 409)

A antítese/paradoxo entre céu e inferno que a cidade representa se relaciona com as desigualdades sociais que Maria encontra ao passar a viver com Dom Chico Chicote, conhecendo o escarnio das pessoas com um sonhador e a injustiça que esse amigo sofre.

No novo mundo que Maria aporta, ela dá de cara com uma Parca, figura grega que junto com as irmãs tecia o fio da vida dos mortais e os cortava quando chegava a hora; a Parca se apresenta tecendo na roda de fiar no início da jornada, quando Maria busca o gigante junto da Cabeça falante e do Pato que a seguem no início dessa jornada

Os três caminham em uma passagem mais e mais misteriosa e divisam uma mulher à beira da estrada. Aproximam-se, curiosos. A mulher pedala a roda de fiar enquanto canta, indiferente aos três.
Parca 1
Estava a vida em seu lugar,
veio a morte lhe fazê mal.
A vida na morte, a morte no homem,
o homem no pau, o pau no cachorro,
o cachorro em criança, criança na velha
a velha a fiar!
[...]
Quer conhecer o tamanho do seu fio e pur quanto tempo o rio da via inda vai escoar?
(HDM, 2005, p.399)

A roda ou roca de fiar que a Parca usa “simboliza o desenrolar-se dos dias, a existência cujo fio deixará de ser tecido, quando a roca se esvaziar” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2015, p. 782). Essa simbologia do desenrolar dos dias mistura-se à significação do fio dada pelo mesmo autor de “agente que *liga todos os estados da existência entre si, e ao seu princípio[...]*” (2015,

p. 431); essa ideia de ligação entre os estados da existência pode ser vista como a ligação entre a Terra dos Sonhos e o mundo real onde Maria está entre a vida e a morte. A música da Parca também remete a ideia do ciclo natural da vida, no qual a vida e a morte estão sempre ligadas.

Ainda na ideia de céu e inferno no mesmo lugar, a cidade é dominada pelo demônio Asmodeu, que se apresenta novamente nas sete peles *Piteira, Rábula, Marinheiro, Cartola, Juiz, Asmodeia, e o Original* (não por acaso o número de versões de Asmodeu é sete, número associado a satanás que também está associado a mudança de formas para tentar se igualar a Deus). Asmodeu apresenta-se como um diabo, um símbolo mal, independentemente da roupa que veste ou da forma que apresente, ele sempre é manco devido aos cascos de bode.

As constantes representações de inconstância dos primeiros três capítulos da obra, representam o caos através das simbologias observadas nas águas, no mar do esquecimento que cerca a cidade, na Parca que tece a efemeridade da vida aguardando que alguém o corte.

A primeira parte se encerra com o gigante da guerra se levantando e instalando a desordem na cidade

Ao ouvir a palavra “gigante”, todos param, atônitos. O brado de uma voz clara e nítida se ouve no meio da multidão.

Voz

Explodiu a guerra! O Gigante acordou!

Após um segundo de inação, a multidão corre para todos os lados, gritando em pânico. (HDM, 2005, p.495)

O despertar do gigante traz todo o horror para aquele mundo, horror que nas palavras da narradora “Come a carne humana e larga a alma vazia. [...] Deus há de cobrar caro de quem planta a semente da guerra, da pobreza e da fome! (HDM, 2005, p. 495)”, essa guerra traz desolação para as pessoas, podendo-se compreender a “alma vazia” como os traumas causados por ela.

O diabo Asmodeu representa o caos ao ser um agente causador de desordem constantemente interferindo nos caminhos das pessoas, em especial Maria. Esse personagem se realiza com a guerra quando o Asmodeu Cartola demonstra satisfação com o evento referindo-se a ele como “A festa está só começando! (2005, p.499)”; e até mesmo “Isto aqui está ficando melhor do que o inferno! Um verdadeiro paraíso! (HDM, 2005, p. 512)”, para o demônio que vive de causar a desordem a guerra é uma realização, transformando aquela cidade em um “Paraíso” para ele.

4 A GUERRA E O RETORNO: as representações da ordenação e do despertar do sonho

O estourar da guerra na cidade pode ser compreendido como uma representação do apocalipse que representa o a chegada ao fim do estágio pré-existencial que aquele mundo representa. A aparição da segunda Parca na obra se relaciona com a proximidade com o fim daquele mundo caótico em que Maria se encontra. Durante a guerra que ceifa a vida de diversos personagens a segunda Parca aparece afiando a tesoura:

MARIA arrisca sair do seu esconderijo, mas já nos primeiros passos, de repente uma amoladora de tesouras caminha na sua direção. É a PARCA 2, que para e põe-se a amolar uma tesoura. Maria se aproxima receosa.

Maria

Dona, a seora é parente daquela outra que faz os fios?

Parca 2

Ela tece, eu corto!

Maria

E a senhora pode, por beséquio, me dizê como é que eu saio dessa cidade?

Parca 2

Que jeito?

Guerra é tesoura afiada,
que corta os fios da vida
e fáiça o mundo em desatino!

Sua sorte foi lançada, menina!

Sua vida está por um fio.

Como num passe de mágica, a PARCA 2 faz aparecer o fio da vida de MARIA, ao mesmo tempo que, com a outra mão, vai abrindo a tesoura cruel.[sic] (2005, p. 510)

As aparições das Parcas se entrelaçam com o começo e com o final da segunda jornada como uma possível representação da efemeridade da vida, além de denunciar os males da guerra e a incerteza que ela causa. Após a guerra, Maria começa a buscar o caminho de volta e para isso, ela tem que encarar os três cavaleiros que representam a jornada de um dia, o cavaleiro Branco que representa a aurora é o primeiro

CENA 4

Beira da estrada / Aurora / (Paisagem 3)

Um cavalo todo branco aparece à frente de DOM CHICO CHICOTE. Sobre o cavalo, um CAVALEIRO BRANCO de máscara, roupas, chapéu, botas, cinto, tudo imaculadamente branco. Brancos também são os arreios, a sela, as rédeas. [...] (HDM, 2005, p. 551)

Cavaleiro Branco

Quem é o infeliz que ousa parar a cavalgada da aurora?

O Cavaleiro Branco concede a Maria e Dom Chico Chicote um pedido que recupera a memória

de Chico. A aurora que é símbolo da manhã representa também “todas as possibilidades” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2015, p.101) inserindo nesse ponto a ideia de que o caminho de volta está se tornando uma possibilidade real.

Cavaleiro de fogo ou cavaleiro do dia, aparece seguindo a aurora já como a manhã de um novo dia:

Montado num cavalo baio, surge o CAVALEIRO DE FOGO, de cabelos longos e rui-
vos, com máscara, roupas, arreios e demais apetrechos da cor do cobre (ou dourado),
que rebrilha o sol que nasce. O CAVALEIRO DE FOGO responde, furioso e terrível.
Cavaleiro de fogo
Nem por favor, nem obrigado. Sigo meu caminho traçado, lutando com a noite, clare-
ando a terra. E, se for guerra que pretende, guerra lhe darei. (HDM, 2005, p.552)

Esse segundo cavaleiro é o que concede a Dom Chico Chicote o desejo de voar, que consequentemente, ao matá-lo, o devolve para os braços da amada Rosicler. Após a morte do amigo Dom Chico Chicote, Maria dorme por cem anos como a narradora descreve:

Narradora
E Maria dormiu. Dormiu, dormiu, dormiu pur cem ano. E com ela dormiu a natureza,
as flores fecharam sua beleza, e não se ouviu um pio de pássaro, um rosnar de animal.
O bem e o mal cessaram sua disputa, tudo ficou suspenso, menos a luta que se tra-
vava dentro de Maria. A Febre! (HDM, 2005, p.564)

Durante o sono da menina a Terra dos Sonhos se ordena, a guerra cessa e a única coisa que não para é a febre que aflige o corpo e a mente da menina. Depois que acorda a menina encontra a senhora do Limiar – ou senhora dos dois mundos, quem revela que Maria está próxima do caminho de volta a consciência dela. O terceiro cavaleiro que Maria encontra é o Cavaleiro da noite

[...] O som do galope se aproxima e o cavalo relincha ao ser freado pelo CAVALEIRO DA NOITE. Ele se veste de negro sobre um cavalo negro, e todos os seus apetrechos, assim como o cavalo, são negros. [...]
Cavaleiro da Noite
Quem me desafia? Abra os olhos que vou cobri-la com o manto da noite, ferir com o açoite frio do vento, fazer seus ossos tremerem! E, depois só se ouvirá o silêncio. (HDM, 2005, p.578)

O cavaleiro da noite representa o fim da jornada e da vida, ele é aquele que concede o último desejo a Maria, o desejo que ela usa para derrotar Asmodeu e finalmente acordar no mundo real, onde seu corpo febril era guardado pela avó (a narradora) e pelo pai. A história se encerra com a avó contando novamente a história de Maria como a Primeira Jornada se iniciou “Assim, longe,

num lugar ainda sem nome, era uma vez uma menina chamada Maria.” (HDM, 2005, p. 584)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Jornada da obra *Hoje é dia de Maria* torna possível compreender a função do caos na narrativa, observando o ideal de que este conceito se trata de um estágio transitório no desenvolvimento do homem; a viagem de Maria pelo Sertão e pela Terra dos Sonhos pode ser vista como uma fase de caos necessária para que Maria cresça e se cure do mal que a aflige.

Compreender a perspectiva de caos como um elemento mítico também torna possível entender porque o mundo onde Maria se encontra é livre das amarras da realidade e do tempo e espaço. Para compreender como o caos se apresenta na obra, se estudam as simbologias empregadas, o que possibilita relacionar como cada signo empregado pelo autor tem relação com o caos e com as fases da jornada de Maria.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Alberto de; CARVALHO, Luiz Fernando. Segunda Jornada. In: **Hoje é dia de Maria**. São Paulo: Globo, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

DANELON, Márcio. **Para um ensino de filosofia do caos e da força**: uma leitura à luz da filosofia nietzschiana. Cad. CEDES. 2004, v. 24, n.64, pp. 345-358.

TOGNOLLI, Dora. **As palavras, as coisas, o caos**: função do mito nas narrativas clínicas. São v.35, n.54. Paulo, 2012, pp. 81-95.